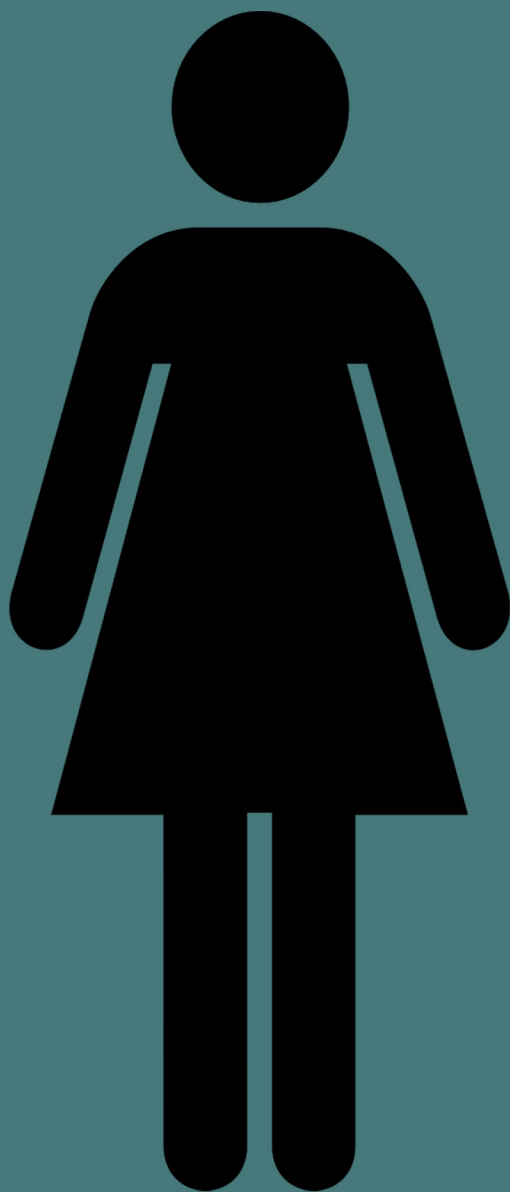


# MULHERES

- contos -



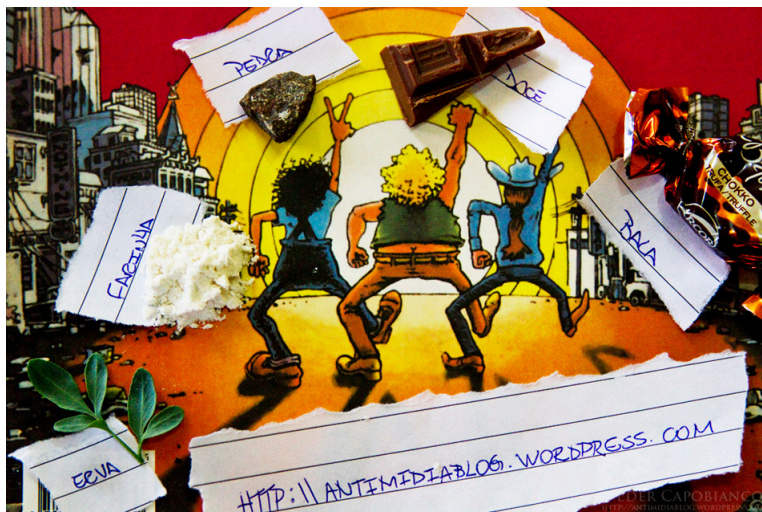
eder capobianco

produção caseira e distribuição aleatória

*Eder Capobianco*

# Mulheres

2018 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória



Este e-book foi diagramado em formato A5 (148 mm x 210 mm), e contém 12 contos escritos por Eder Capobianco Antimidia e publicados na rede de blogs AntimidiaBlogs.

:: Diagramação | Eder Capobianco Antimidia

:: Textos | Eder Capobianco Antimidia

ANTIMIDIA, Eder Capobianco. *Mulheres*. Assis, SP: Produção Caseira e Distribuição Aleatória, 2018.

eder.capobianco@gmail.com

<http://antimidiablog.wordpress.com>

<http://www.flickr.com/antimidia>

#antimidiablog

# Sumário

Introdução	5
O fim do mês e a conta na mercearia	6
E eles foram felizes para sempre....	10
A vida no inferno	14
O amor eterno	18
Começo de carreira	22
Dando duro	26
A nobre arte de fazer dinheiro	30
Gafanhotos pastando no mar de lama	33
O suicídio do covarde Manuel	36
Descascando o abacaxi	41
Ovelhas sem rebanho num mundo sem cordeiros	45
O pé no chão	48
Sobre o AntimidiaBlog	51

# Introdução

O que as personagens dos 12 contos desta coletânea procuram não é felicidade, a maioria nem acredita mais nisso. Algumas dessas mulheres buscam incessantemente apenas se afastar da culpa de não corresponder a expectativas que não são delas. Outras tentam resistir a uma normatização que as reduz a coadjuvantes de si mesmas. E também há as que tem no sexo um retorno financeiro de curto prazo.

Pode-se dizer que é comum a todas a luta diária contra o sofrimento. Sofrimento por uma condenação sem acusação num julgamento a qual nunca tiveram direito de defesa. Estas mulheres anseiam por paz e independência. Ter a segurança de que não sonhar é fundamental para sobreviver. A ambição de se desiludir já não permeia mais seus pensamentos.

Nenhuma dessas personagens vai ser uma princesa. O amor não é capaz de tornar o impiedoso destino uma coisa melhor. A dicotomia sexo  $\times$  futuro não vale para elas. Marido, filho, casa grande e carro na garagem não é uma opção. Por isso essas mulheres não resistem ao impulso ou adiam o prazer. Elas vivem intensamente o hoje numa esperança falida de um amanhã impossível.

## O fim do mês e a conta na mercearia

A vida para Eliana parecia ser bastante simples. Ela acordava às 5h, chegava no centro de telemarketing unificado às 8h, saía às 11h para o almoço, que terminava meio dia. Às 17h estava liberada para ir para casa, onde chegava às 19:30. Seu trabalho não exigia muito. Atender o telefone, respostas no caderno ao lado ou na tela do computador. O mais chato eram os relatórios, pouco tempo para fazer e exigiam um número de informações infinitos. Mas ela não levava trabalho para casa, também não precisava estudar, e depois de 12 meses ainda tinha direito a férias remuneradas, além de um salário mínimo por mês. Pagar as contas e fazer tudo isso de novo seis dias por semana. Para algumas pessoas, em tempos de crise, só isso já era o suficiente para agradecer à Deus o resto da vida pela benção recebida. Para Eliana não. Para ela isso tudo não tinha nada de fácil, nem legal, nem vantajoso, nem nada. Principalmente porque a mãe dela estava devendo na mercearia do Seu João, e o dinheiro não era o suficiente para pagar a conta. “Pode levar as compras, mas pede para sua mãe vir conversar comigo amanhã à tarde.”

O tom do “pede para sua mãe vir conversar comigo amanhã à tarde”, somado ao olhar ensandecido nas coxas de Eliana, revelaram cedo para ela como as coisas se resolviam. “O Seu João pediu para você ir amanhã a tarde

conversar com ele sobre a conta.” A fala saiu normal para sua mãe enquanto ela guardava os tomates e o alface na geladeira. Não era primeira vez que ela transmitia o recado. Sua mãe suspirou e por um segundo o instante atormentador da complacência fez Eliana tremer. “Tudo bem. Amanhã vou lá falar com ele.” A resposta foi como o fim temporário de um ponto de interrogação gigante. Todo fim de mês sentia a angústia de não saber em qual dia teria que dar o fatídico recado. Por mais que desse quase todo seu dinheiro para as contas da casa, nunca era o suficiente. Desde que começou a desvendar os significados de tons e olhares pensava no que aconteceria o dia que sua mãe respondesse que não ia conversar com o Seu João no outro dia a tarde. “Você já jantou?” Assim, com uma pergunta trivial, a normalidade podia voltar a reinar. “Estava te esperando, é só esquentar o macarrão.” “Vou fazer uma salada.” E tudo estava novamente nos trilhos.

No dia seguinte, quando chegou em casa, sua mãe estava sentada no sofá fumando um cigarro com cara de quem chorou por horas e mais horas a fio. Uma pontada atingiu o fundo do estômago de Eliana e foi ecoando por todo corpo que quase saiu do chão levado pelo arrepio. Num primeiro momento ela não sabia o que falar. O que ela sabia era exatamente do que aquilo se tratava. Era hora de falar sobre como uma mulher sem carteira assinada faz para criar uma filha. “Ele não me quer mais.” “Como assim, do que você está falando?” Eliana sempre soube, mas parecia querer escutar com todas as palavras para que aquilo virasse realidade. “O Seu João. Do que mais eu taria falando? Você não é mais criança há muito tempo.”

Não, não era, e mesmo assim parecia não estar preparada para falar sobre como uma mulher sem carteira assinada faz para criar uma filha. “Eu estou com gonorreia. Ele disse que não quer mais uma puta velha doente.”

Essa última informação deixou Eliana completamente fora de órbita. Parada na frente do sofá ela se instalou num estado de negação que se traduzia em um silêncio apático. “Tentei ligar para todo mundo que eu conheço, mas ninguém tem como ajudar a gente agora.” A visão de Eliana estava desfocada, era como se ela estivesse de alguma forma tentando sumir dali, viajar no tempo para depois de tudo aquilo. Num tom resignado e baixo, resgatando o choro de uma tarde inteira, a mãe dela falou: “Ele quer você.” Os arrepios retornaram para o estômago de uma forma tão fulminante e letal que Eliana entrelaçou os braços entre si e se retraiu. Não é que ela não conseguia falar, é que ela não sabia o que falar. Depois de uns segundos de silêncio ela perguntou. “Quanto a gente deve para ele?” “Não sei. Ele é o dono da casa também.” Era como se um grande quebra-cabeça tivesse acabado de se completar na sua mente. As viagens da escola, a formatura, o vestido para o baile e todo dinheiro que sua mãe tinha. Era o Seu João que pagava tudo desde sempre.

Quando desceu do ônibus no outro dia depois do trabalho percebeu que Seu João a olhava com um sorriso sacana na porta da mercearia. Ele fez um sinal com a mão para que ela fosse até ele. Eliana estava notavelmente incomodada. “Sua mãe falou com você?” Ela acenou lentamente que sim com a cabeça olhando para baixo. “Então



espera eu fechar, umas nove horas e vem aqui para gente conversar.” Ela só andou para casa sem conseguir olhar para cara dele ou dizer uma palavra. Quando chegou sua mãe estava trancada no quarto. Ela deitou na cama em posição fetal e ficou chorando baixinho esperando dar a hora que ele marcou. Três minutos antes das nove ela levantou e foi para a mercearia. Seu João estava na frente, com porta sanfonada já fechada pela metade. “Entre minha querida.” Eliana tremia. “Não precisa ter medo. Não vou fazer nada que você não queira.” O estômago dela queimava, e ela tremia e não conseguia conter as lágrimas. Seu João foi apalpando sua bunda até o escritório. Ele se jogou no sofá, tirou o cinto, abaixou as calças e tirou o pau duro para fora da cueca. “Vem cá meu amor, mama um pouquinho o papai, vai.” Ela virou a cara para não ter que ver aquilo e viu uma tesoura em cima da mesa. Ela pegou a tesoura e foi para cima dele. Começou a estocar a tesoura no peito dele e a gritar não compulsivamente. Quando se sentiu cansada e completamente desorientada parou de golpear aquela carcaça de carne sem vida.

## **E eles foram felizes para sempre....**

Quando Dona Maria levantou para começar a preparar o café-da-manhã Seu Eduardo nem se mexeu na cama. Nos quartos de Alex e Cristiane também não havia o menor sinal de movimento. Primeiro ela limpou a pia dos assaltos noturnos à cozinha. Deixou a água do café e o leite para fervendo e foi regar as flores da entrada. Por fim colocou comida e trocou a água do Rex. Tempos depois do cuco anunciar que já eram seis horas ela foi acordar as crianças. O marido já estava no banho, o Alex fingiu que estava dormindo e a Cristiane reclamou de cólicas. Ela voltou para cozinha e cortou maçã, mamão e melão e preparou dois queijos-quentes na tostequeira elétrica. “Hoje tem reunião da equipe no escritório depois do expediente, então não me espere acordada.” Seu Eduardo pegou uma banana na fruteira e saiu apressado sem um beijo de tchau. Três minutos antes da perua da escola chegar os dois estudantes sentaram na mesa. “Mãe, preciso do dinheiro para pagar o acampamento na escola.” “Depois da aula vou na casa da Natália fazer trabalho.” A buzina tocou e os dois saíram comendo queijo quente.

As frutas intocadas Dona Maria colocou num pote e guardou na geladeira. Assim como o leite, mas como ela não tomava café preto esvaziou a garrafa térmica na pia. Tirou a mesa e lavou a sujeira antes de subir para os quar-

tos. Abriu as janelas, arrumou as três camas, tirou o lixo dos banheiros e recolheu as roupas sujas no chão. Desceu até a lavanderia e pôs a máquina de lavar para funcionar. Então começou a limpar a sala. Tirou o pó de todos os bibelôs espalhados pelo ambiente e passou lustra-móveis nas madeiras. Arrastou os sofás, cadeiras e a mesinha para varrer o chão. Depois passou aspirador nos tapetes. Antes de estender as roupas passou pela cozinha. Picou uma cebola e dois dentes de alho e começou a preparar arroz. Tirou o feijão congelado do freezer e colocou no microondas. Enquanto o cheiro de fome se espalhava pela casa ela estendeu as roupas. Não eram nem dez da manhã quando ela começou a temperar e cortar os bifes e a salada do almoço. Deixou tudo pré-pronto e foi tomar um banho.

Dona Maria se preparou com sua melhor lingerie e passou óleo de amêndoas pelo corpo. Quando estava pronta sentou na escada, usando um roupão de hotel, olhando para porta da frente. Exatamente as 10:03 A.M. a campainha tocou. Paulo era jardineiro do condomínio, e gostava de usar tênis Nike e Iphone de última geração. Ela levantou com aquela sensação de aventura no estômago e abriu a porta com aquele sorrizinho sacana de quem sabe o que quer. Dona Maria se virou e saiu desfilando pela sala. Deixou o roupão cair pelas suas costas no caminho e deitou de lado na escada. Ele fechou a porta com cuidado e foi atrás dela já tirando a roupa. Sem nenhuma proteção nem camisinha eles foderam ali mesmo. Até o relógio soar décima primeira badalada. Ele se levantou, colocou o macacão, pegou o envelope que estava na mesinha do lado da porta e saiu prometendo voltar na outra semana. Ela fi-

cou caída curtindo aquela porra gosmenta escorrendo pela sua coxa por um momento. Aí se levantou e foi se lavar.

Alex abriu a porta da frente e gritou: “Cheguei!” Dona Maria já estava na cozinha fritando os bifes e requentando o arroz com feijão. O garoto deixou a mochila no sofá, sentou na mesa da cozinha, comeu assistindo Chaves e se trancou no quarto. A mãe almoçou assistindo Jornal Hoje e depois limpou toda cozinha. Ainda eram duas da tarde, então se sentou na varanda para ler um pouco e passar o tempo. Como se casar com um marquês, Julia Quinn. Cinco páginas depois estava na lavanderia engomando camisas, passando blusas encardidas e dobrando meias e cuecas. Percebeu que Cristiane chegou quando escutou a porta da frente abrir, fechar, passos na escada, porta do quarto abrir, fechar. Alex acordou do cochilo da tarde e fez uma imundice na cozinha montando um lanche para comer enquanto jogava vídeo game. Cristiane estava escutando música num volume ensurdecedor. Dona Maria se fechou no seu quarto e ligou para sua irmã. Cheia de entusiasmo ficou uma hora e meia no telefone falando sobre a visita de Paulo.

Saiu do quarto chamando as crianças para a janta. Pegou umas salsichas, batata palha, pão de hot-dog, ketchup, mostarda e maionese e preparou um lanche. Colocou uma Coca-Cola gigante na mesa e ficou observando os filhos comerem enquanto petiscava as frutas do café-da-manhã. “Come devagar Alex!” “Melhorou a cólica filha?” Os dois voltaram para os quartos ainda mastigando. Ela arrumou a cozinha de novo e sentou na sala

para ver novela. Na hora do Jornal Nacional ligou para sua mãe para falar sobre o tempo. Assistiu a novela das nove, checkou se estava tudo bem e deu boa noite para o Alex e a Cristiane antes de ir dormir. Seu Eduardo chegou pouco lá pra uma da manhã. Entrou no quarto sem fazer muita questão de ser silencioso. Se trocou no banheiro e deitou ao lado de Dona Maria, que tinha acordado na hora que o carro chegou na garagem. Estava agitado e não conseguia pegar no sono, e ficava se virando de um lado para o outro. E ele fedia azedo e suave como um porco.

## A vida no inferno

O trabalho nunca assustou Natália. Muito ao contrário. Desde os 15 anos ela já acordava antes do sol nascer para poder estudar e ser secretária do seu tio dentista. Podia até ser uma forma de ele ajudar a família do irmão, que não tinha paradeiro conhecido, mas as seguidas investidas com a mão embaixo da saia de Natália, e seu olhar psicótico, diziam outra coisa sobre as intenções do homem por detrás da máscara. Qualquer coisa seria melhor que ter que conviver diariamente com um boçal. Por isso, quando fez 18 anos e acabou a escola, saiu da clínica para trabalhar numa empresa de telemarketing. Sua missão agora era convencer pessoas que não podem pagar um plano de saúde a pagar por um que não funciona. “O Senhor esta ciente de que, segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil tem um dos piores serviço público de saúde do mundo? Pior que o da Argélia, Senegal e Cabo Verde, por exemplo.” Ao lado do seu teclado havia uma folha sulfite plastificada com algumas frases que ela poderia recorrer. Tudo sempre começava com um “bom dia, meu nome é Natália e estou contactando o Senhor, em nome da ExploraMed, para oferecer uma oferta especial válida só por hoje.”

Assim que ela desligava o telefone vinham as metas absurdas e os prazos corrosivos. “Pessoal, aqui nós

trabalhamos com números.” Eram uma ligação a cada três minutos e no mínimo 20 contratos assinados por dia. “Parece muito, mas se vocês seguirem as técnicas que nós ensinamos é possível.” Informações como a superlotação, “segundo o Tribunal de Contas da União 64% dos hospitais estão sempre com lotação superior a sua capacidade”, ou “consultando os dados do Conselho Federal de Medicina o Senhor vai ver que, entre 2005 e 2012, o Sistema Único de Saúde eliminou 41.713 leitos.” Teoricamente, de posse destes dados, qualquer um deveria se desesperar e pagar até o que não podia para dormir com a consciência tranquila de que se acordasse no meio da noite, tendo um ataque cardíaco, não morreria num chão qualquer esperando a boa vontade de um bom samaritano que se importasse. Mas não era o suficiente. As pessoas precisavam de muito mais que um plano de saúde, assim como Natália, que precisava de muito mais que um salário mínimo para ter alguma perspectiva de não chegar aos 40 anos sem ter atravessado as fronteiras do ritmo casa-trabalho / trabalho-casa.

Foi pensando num futuro melhor que ela começou a ver as etiquetas coladas nos orelhões do centro da cidade com outros olhos. “Oi garanhão, procurando prazer e diversão?” A voz meio masculifeminilazida do outro lado da linha fez ela reparar na palavra Travesti depois do nome Sheila no adesivo. Por um momento ela se sentiu envergonhada, mas não foi o suficiente para parar. “Oi, eu queria saber quanto você cobra.” “Ai gatinha, é só você que quer brincar ou seu namorado também quer participar da festa?” “Que?” “Hum, é só você que quer sabo-

rear novas aventuras, não é? São R\$250 para fazer essa carinha doce suspirar amor por uma hora, e eu atendo no meu apartamento aqui no centro.” Natália respirou fundo com o valor e desligou o telefone. Em uma hora ela podia ganhar mais que em uma semana sentada numa cadeira incomodando alguém pelo sistema de discagem randômico. Olhando por esse ponto de vista parecia até mais decente. Trabalhando umas duas vezes por dia ela podia até pensar em fazer uma faculdade e ajudar a sua mãe, que sofria limpando banheiro de crianças irritantes filhas de adultos imbecis. Quanto mais pensava mais tinha certeza de que valia a pena correr os riscos, que na verdade não eram consideravelmente maiores que ser menina num ônibus lotado, chegar em casa depois de ter escurecido ou trabalhar como secretária do seu tio.

Enquanto tirava fotos dos anúncios colados pelos orelhões e postes da cidade pensava nos detalhes. Primeiro: ia ter que ter um número de celular secreto, só para aquilo. Ninguém poderia ficar sabendo. Atenderia seus clientes em algum dos hotéis que alugam quartos por hora no centro, e como o cliente que ia pagar ele poderia até escolher qual. Depois, cobraria o dobro para dar a bunda e exigiria que o cliente sempre usasse camisinha. Acreditava que assim estaria evitando os maiores problemas que a profissão oferecia. Agora era a hora de elaborar o anúncio. Com um caderno na mão sentou na cama e começou a ver as fotos que tinha tirado no celular. “Paula Ninfeta. Insaciável. Depiladinha. Anal total. 93327-9869.” Parecia muito vulgar. “Brenda Casada. Para fetiches e fantasias. Homens, mulheres e casais. 93267-9765.” Esse não era



chamativo. Depois de olhar dezenas de imagens, e escrever outra dezena de rascunhos, Natália chegou ao anúncio perfeito: “Paola (sempre achou esse nome chic) Amor (ora, do que aquilo se tratava?). Carinho e sexo para homens (não saberia o que fazer com mulheres e se sentiria estranha em 3). 24h (era importante estar sempre a disposição). NOVO NÚMERO DE CELULAR.”

Cheia de confiança e expectativa Natália acordou mais cedo que o habitual. Vestiu sua melhor roupa e se maquiou como quem vai para uma festa de gala. Na entrada da estação de trem comprou um chip novo para o celular e começou a olhar para todos os homens como potenciais clientes. Pensou que eles estariam bem vestidos, afinal, quem pode pagar R\$250 por hora tem que ganhar muito bem, e quem trabalha bem vestido geralmente ganha muito bem. Passou na Tele CO. e se demitiu resumindo os motivos em “arrumei um emprego melhor”. Eles insistiram em saber aonde a ponto de Natália se sentir acuada, mas ela se manteve firme. Assinou o que tinha que assinar e dali foi para uma lan house. As risadinhas que o moço dava enquanto ela ditava o que queria escrever na etiqueta a deixaram um pouco envergonhada. Com os adesivos em mãos começou a divulgar seu novo emprego. Deu preferência para os orelhões perto de prédios de vidro ou postes perto de lojas caras. Quando acabou com tudo Natália se sentou num banco na praça e, meio nervosa e meio ansiosa, ficou esperando o telefone tocar.

## O amor eterno

Três anos depois de entrar para faculdade de arquitetura Camila já sabia que poderia ser muitas coisas na vida, mas não arquiteta. Sentada em cima da mesa do Dr. Fernandes, com uma taça de vinho e a perna aberta, ela nem queria. Ele dispensou o copo de whiskey e posicionou sua cadeira de modo a não precisar abaixar muito para se enfiar em baixo do vestido de colegial dela. Em uns doze minutos ela tinha acabado com o serviço e em mais dez estava descendo o elevador do Business Money Tower. Passando pelo lobby perguntou para o Seu Antenor, só para ter assunto, “alguém mais me procurou?” Apenas o fato de ele responder mais que uma palavra já a preocupou. “Doutor? Não, mas hoje mais cedo veio um cara dizendo que era policial perguntando de alguém com o seu nome e muito parecida com a Senhorita.” “E o que você respondeu?” “Que não, mas ele disse que voltava.” “Obrigado querido, você é um amor. Se ele voltar de novo você me avisa, tá?” Ela pediu dando um beijo no rosto dele e comprimindo seus peitos na cara dele.

Sempre que estava com o pé rua ela olhava para todos os lados para tentar se certificar que ele não estava atrás dela. Paulo estava esperando na entrada do flat, sob o olhar atento e preocupado do porteiro. “Vamos conversar?” “Nós já falamos tudo que tínhamos para falar.

Por favor Paulo, vá viver a sua vida.” “Minha vida é com você. Isso não está certo!” Com a ordem de segurança nas mãos, que dizia que ele não podia se aproximar mais que 50m dela, Camila advertiu em tom sério: “Se você não sair da frente do prédio eu vou chamar a polícia.” “Não adianta Dona Camila. Ele fica sentado ali na curva olhando.” Interveio Manuel do alto falante ao lado do portão. “Vai cuidar da sua vida porteiro de bosta!” “SOME DA MINHA VIDA!” Ela parou na portaria nervosa e falou para o porteiro: “Se ele estiver a menos de 50m da entrada do prédio chama a polícia e mostra isso para eles.” Ele pegou o papel e foi até o portão. “Ei, camarada, acho que você não vai conseguir mais nada aqui. Procura um bar longe daqui e enche a cara. Amanhã quando você acordar só segue em frente.” Ele saiu agitando o papel. Paulo andou uns metros na calçada, subiu numa árvore e começou a rezar. Ficava observando todos que entravam no prédio. Na sua cabeça os homens eram todos clientes de Camila, menos os gays, e as mulheres eram todas garotas de programa.

Sem ter tempo a perder ela arrumou o apartamento e acendeu uns incensos. Construiu um ninho de amor na banheira com espuma, umas toalhas dobradas e pétalas de rosa. Colocou pilha no vibrador e deixou ele a mão junto com outros brinquedinhos. Pouco depois de terminar de se maquiar o interfone tocou. “Dona Camila? Posso deixar o Senhor Marcos subir?” “Sim Manu, obrigada.” “Olha, aquele outro está em cima de uma árvore aqui do lado do portão dos carros. Já chamei a polícia mas eles não vieram. A Senhora quer que eu te ajude a resolver

isso? Ele não vai mais querer chegar perto da Senhora.” Ela negou a oferta da surra e esperou a campainha tocar na frente da porta. Quando Marcos entrou ela já estava de cinta-liga e pronta para atacar. Ele tirou a roupa e foi para cima dela com tamanho apetite que não conseguiu chegar até o ninho de amor do banheiro. Só precisou do vibrador que Camila foi buscar com entusiasmo quando solicitado por ele. Ela prendeu uma cinta na cintura, encaixou o troço e fodeu ele com força. Ele se divertiu tanto que até se ofereceu para pagar uma pizza e bater o papo por metade do preço da hora. Ela topou e os dois só não dormiram porque Marcos tinha que ir buscar o filho na escola de inglês. Depois de dois clientes e um barraco Camila dormiu assistindo o jornal.

Quando acordou de manhã estava preocupada com Paulo. Interfonou para portaria e perguntou para o Jonas, porteiro do diurno, se ele ainda estava na árvore. “Acho que não Dona Camila.” Ela tentou falar com a irmã dele para ajudar ele a seguir com a vida, mas ela não atendia mais as ligações desde que Camila pediu a ordem de segurança. Um tanto quanto insegura ela continuava tentando ajeitar a vida. A jornada ia ser tripla, sendo que só o último cliente ela atenderia em sua casa. O primeiro era um político do sul que gosta de transar minutos antes de reuniões importantes. Como ele tinha uma destas ela ia encontrar ele num hotel perto do centro de convenções. Depois almoçaria com uma amiga no shopping e iria para o consultório de um dentista na zona sul, para no fim da tarde encontrar o Marcos no flat. Não dava um passo sem tentar olhar para todas as direções em busca de Paulo. Era

difícil se convencer de que ele não a estava seguindo.

No caminho para o centro de convenções recebeu uma mensagem adiando o encontro. O prefeito tinha solicitado uma reunião e a diversão ia ter que ficar para outro dia, por que no fim da tarde a agenda de Camila já estava cheia. Com tudo, o almoço com Karen ganhou um pouco mais de tempo e as duas ficaram batendo perna no shopping. “Estou pensando em sair do flat e comprar um apartamento na zona sul. Quero independência do Marcos.” “Cuidado amiga, você já tem um ex louco atrás de você. Te disse para não aceitar dinheiro do Marcos sem sexo. Ele esta apaixonado por você.” “É diferente. O Paulo foi meu primeiro namorado, e eu a primeira namorada dele. Perdemos a virgindade juntos, ficamos dez anos juntos. O Marcos é casado, tem filhos, família. O que ele gosta em mim é outra coisa, e vou continuar dando, ou ele vai continuar.” As duas riram alto e todo mundo olhou. Vendo toda aquela felicidade Paulo não se controlou. Apareceu repentinamente detrás de uma pilastra e acertou dois tiros em Camila. Depois caiu ao seu lado e pediu desculpas antes de atirar contra a própria cabeça.

## Começo de carreira

Sandra entrou na sala e foi bater o dedo. Quando levantou a cabeça leu no quadro: “o importante não é vencer todos os dias, é lutar sempre!” A primeira coisa que pensou foi que importante era aquele tipo de mensagem não estar ali. Não era um escritório com espaços para um central de telemarketing, ao contrário, os atendentes não tinham nem um cubículo próprio. Todos se sentavam lado a lado numa mesa horizontal grande. Contando que mesa são três tábuas de madeira cobrindo as três paredes da sala. Tudo era improvisado. Privacidade não era um conceito levado em consideração pelo arquiteto de toda aquela desorganização. Para se manter o mais longe possível dali o melhor jeito era evitar o contato visual. Cabeça baixa e foco.....não havia muito futuro para ela naquela situação. Isso porque sua mãe estava com 65 anos e não conseguia mais trabalho e seu pai havia sumido muito tempo antes. Não tinha muito para pensar.

Assim que ela logava o computador apareciam uma lista de números de telefones com uma de nome do lado. Havia três cores: vermelho – nunca atende; amarelo – nunca comprou; verde – velhinhas simpáticas e carentes que conversariam até com um cavalo se ele conseguisse fazer a ligação. Cada cor tinha uma pontuação: 5 – 3 – 1. Cada vez que alguém atendesse uma ligação você marca-

va, e se vendesse o pacote de seguro para itens de cozinha inquebráveis se ganhava o dobro de pontos. A meta mensal era de 200 pontos. Se a soma total de todos os seus esforços fosse menor que a metade disso você recebia uma advertência. Duas advertências seguidas viravam na mão do advogado demissão por justa causa. E era a metade do mês, e ela tinha 47 pontos e vontade nenhuma de continuar.

Para começar o dia ela selecionou a opção random, que discou para ela um número de cor lilas, que ela nunca tinha visto na lista. “Bom dia Senhor. O Senhor estaria interessado em escutar uma proposta especial para o Senhor da Seguros Inúteis S.A.?” “Só se você escutar a minha com muita atenção depois.” “Não entendi Senhor.” “Você fala, e depois falo eu. Começa.” “Pensando no seu bem estar e em proteger seus valiosos itens domésticos, a Seguros Inúteis S.A. montou um pacote especial para o Senhor. Por apenas R\$ 0,79 por mês, cobrados na sua conta de água, toda sua prataria, cristais e talheres estarão protegidos. O Senhor se interessa pela proposta?” “Não. Mas se você tiver menos de 25 anos e mais de 18 posso fazer você ganhar por semana o que ganha por mês. A Senhorita se interessa pela proposta?” “Que?” “Esta ligação esta sendo gravada, então se quiser mais detalhes vai ter que sair daí e vir até aqui.” Sandra anotou o endereço num pedaço de papel e colocou no bolso.

A primeira coisa que pensou foi que jamais trabalharia como prostituta. No alto dos seus 21 anos sua experiência não ia além de dois namorados e um primo.

Não era a garota mais recatada de todos os tempos, mas também não era nem um pouco atirada. Em seguida vieram os cálculos, o que era possível fazer ganhando quatro vezes mais? Dava para ter celular com Internet 3G, televisão fininha no quarto e até comer no McDonald's sempre. Pagava os remédios da sua mãe e ela ia poder ter um forno e uma cafeteira elétrica. Ia voltar a fazer bolos, doces e salgadinhos para vender e tudo ia ser como nos tempos da escola. Quando saiu para o almoço a primeira coisa que pensou já não era tão importante quanto as centenas de outras possibilidades que se avinhavam, que iam desde um trabalho secreto temporário até posso ficar milionária. Depois de três dias Sandra se encheu de coragem para se encontrar com Esmeraldo. Ele ficava num hotel perto da Rodoviária do Tietê que tinha um luminoso gigante escrito “sauna”. Quando ela desceu do metrô sentia que todos olhavam para ela e sabiam para onde ela ia. Passando pelas garotas nos postes da Prestes Maia pensou que não queria trabalhar na rua. Esmeraldo também achou que ela tinha potencial para mais. Fizeram algumas fotos dela num dos quartos do hotel. “Você fica com este celular. Sempre que tiver um programa vou te ligar com o endereço e você tem uma hora para estar lá. Esteja sempre pronta. Você recebe o dinheiro e trás minha parte aqui, que é de 50% no começo.” Não tinha muito para negociar. Os valores estavam bem acima do que ela estava acostumada a receber por qualquer trabalho e não ia precisar ficar na rua nem numa boate.

Eram quase onze horas da noite quando o telefone tocou com o primeiro cliente. Sandra tomou o táxi e parou



um quarteirão antes do Mequissudi Plaza. Enquanto caminhava planejava o que ia falar quando chegasse, como pediria informação para o porteiro e se teria que subir pelo elevador de serviço. Sem nenhuma dificuldade, e sem nenhum dos questionamentos que tinha imaginado, estava na porta do apartamento 2332. Tinha um bilhete escrito: “Entre sem bater”. Ela parou por alguns segundos, respirou fundo e abriu a porta.

O cliente era um empresário, de não mais que quarenta e poucos. Já estava bêbado e pelado, o que assustou um pouco Sandra. “Vou até o banheiro me arrumar.” “Não precisa de nada disso Neném.” Ele agarrou ela e a jogou na cama gigante. Sem saber muito o que fazer ela esperou ele tomar a iniciativa. Ele veio ajoelhando na cama gigante e enfiou o pau na boca dela. Sandra começou a chupar toda desajeitada e quando menos esperava ele gozou na sua garganta. Nunca ninguém tinha gozado na boca dela, que não aguentou. Primeiro tentou cuspir, mas logo começou a vomitar em cima dele. Com toda coragem de um bêbado que paga por sexo o cliente enfiou a mão na cara dela. “Sua porca nojenta!” Ela caiu da cama e começou a chorar. Também descontrolado ele começou a gritar. “Some daqui sua vagabunda!” Apavorada ela pegou sua bolsa e saiu desesperada pelo corredor. Foi socorrida por uma camareira, que a levou para um banheiro. Depois de passar algumas horas chorando num dos cubículos ela saiu, se limpou, e voltou para casa.

## Dando duro

Dona Denise acordou meia hora antes de toda a casa. Levantou com cuidado para não acordar ninguém, foi até a padaria e voltou com quatro pãezinhos. Enquanto passava o café escutou o despertador de Seu Carlos tocar e o chuveiro do banheiro começar a chiar. Com o café pronto ela foi acordar o Guilherme e voltou para o quarto. “Hoje vou ter que trabalhar até não sei que horas, é dia de fechamento da revista. A redação está um caos. Você precisa voltar mais cedo para ficar com o Gui,” disse Seu Carlos. “Tudo bem, mas acho que é mais fácil eu pegar ele na escola, vou estar por aqueles lados.” Os dois desceram e comunicaram o filho da rotina, comeram um pão com manteiga cada um e o casal tomou um copo de café enquanto o jovem bebeu um copo de leite. Tudo bem sincronizado. A perua da escola chegou para levá-lo e com um beijo em cada um se despediu de Seu Carlos e Guilherme ao mesmo tempo. Dona Denise voltou para dentro, lavou a louça e limpou a cozinha com pressa. Depois foi para os quartos, arrumou as camas, organizou as bagunças e abriu as janelas. Já eram mais de 9h quando ela começou a faxina completa no banheiro.

No fim da manhã ela terminou de varrer a casa e se sentou na sala com o celular na mão. Confirmou com Dona Inês dois clientes na parte da tarde, pediu desculpa

por não poder atender a noite, e foi para o quarto. Pegou a mochila com os instrumentos de trabalho e foi para rua encontrar o primeiro cliente almoçando o último pãozinho do café da manhã. Era um Senhor, ele estaria hospedado no quarto 232 do Hotel Vinho. Dona Inês foi para o banheiro do hall e se preparou. Colocou uma saia cinza que ia até o joelho, uma camisa branca para dentro e um blazer da mesma cor da saia. Trocou a calcinha por uma preta fio dental e a rasteirinha por um salto alto. Prendeu o lenço no pescoço, soltou os cabelos e colocou um consolo numa bolsinha menor. Deixou a mochila com o recepcionista e subiu. O aviso de não perturbe não era para ela, que entrou sem bater como orientava a mensagem da Dona Inês. Um Senhor gordo, pelado e bêbado estava deitado na cama assistindo uma loira de 1,90 enfiar um pinto de plástico de uns 30x15cm no cu de um cara musculoso e tatuado. “Olha lá amor, é aquilo que eu quero que você faça comigo.” “Estou preparada garanhão.” Dona Denise tirou seu instrumento de trabalho da bolsa e balançou para o Senhor. “Isso mesmo. Me chupa gostoso antes de me comer.” Ela virou de bruço na cama e Dona Denise começou a lamber seu cu e a enfiar os dedos. Instintivamente o Senhor começou a se punhetar e Dona Denise não precisou nem tirar a roupa para o velho gozar. Enquanto ele respirava acelerado ela tirou o pau de plástico do cu dele, lavou ele na pia do banheiro, pegou o envelope em cima da mesa, se despediu dele e saiu apressada. Passou na recepção, recuperou sua mochila e no banheiro do hall trocou a vestimenta de trabalho por calça jeans, camisa e rasteirinha, mas manteve a calcinha fio dental.

Agora precisava ir até a zona norte da cidade. Pegou um ônibus, fez baldeação na estação do metrô, e pouco mais de uma hora e meia depois do Hotel Vinho Dona Denise estava na porta do Olimpo Apart. O cliente já era antigo, e ela subiu sem se trocar. Paulo estava deitado no sofá assistindo Friends e comendo amendoim. “Vem cá, vamos ver um pouco de TV.” Ela pegou o envelope que estava na mesinha da entrada, colocou na mochila e se abraçou a Paulo no sofá. “Você está com fome? Almoçou?” “Estou bem? Parece cansado.” Dona Denise foi se ajeitando em Paulo e encaixando de conchinha a bunda no pau mole dele. “Fiquei a noite inteira ontem escrevendo uns códigos. Acordei agora pouco só porque você confirmou que vinha.” “Vou cuidar de você.” Dona Denise tirou a camisa, afrouxou a calça e começou a beijar Paulo, descendo até enfiar o pau dele todo na boca. “É disso que eu preciso”, disse ele se ajeitando no sofá enquanto tirava a calça de Dona Denise e posicionava ela num clássico 69. Ali no sofá mesmo eles fuderam por quase uma hora. Paulo se animou, pegou ela de quatro, comeu a bunda dela e gozou com Dona Denise cavalgando em cima dele.

Dona Denise teve que dar tudo de si para saciar o jovem programador. No fim ela estava estirada no chão da sala toda lambuzada. “Vou precisar tomar um banho antes de ir.” Paulo deu uma risadinha e Dona Denise pegou sua mochila e foi para o banheiro. Se esbaldou naquela ducha de água quente a gás, vestiu uma calcinha de pano, a calça jeans uma camiseta branca e a rasteirinha. Quando voltou para sala Paulo estava dormindo, ela o acordou levemente com um beijo na testa, se despediu e foi para escola bus-

car Guilherme. Pegou o ônibus e andou uns quarteirões e em pouco menos de uma hora estava com o filho nos braços. “Hoje aprendi o alfabeto na escola!” Guilherme estava empolgado e disparou a cantar o abecedário. Dona Denise ria e cantava junto. No caminho os dois passaram no supermercado. Dona Denise pegou tomates, cebolas, alho, banana, maçã e frango. Chegou em casa e orientou Guilherme a tomar um banho e a fazer suas lições de casa. Ela foi para cozinha e começou a preparar a janta enquanto escutava a novela na televisão da sala. Tirou um pote de sorvete com feijão do freezer e colocou no microondas. Picou alho e cebola e colocou o arroz na panela, depois fez a salada e fritou o frango. Com tudo pronto chamou Guilherme para jantar. Eles conversaram sobre leitura, agora que o jovem já sabia as letras, e Dona Denise prometeu que compraria um gibi para ele. Quando acabaram Dona Denise arrumou tudo e limpou a cozinha. Por fim fez um bom prato para Seu Carlos e guardou no forno com um pano de prato tampando antes de pegar no sono na sala assistindo o telejornal.

## A nobre arte de fazer dinheiro

Para Mariana sair do trabalho era como fugir de uma senzala ou escapar de uma prisão. Mais do que quebrar as correntes, era o mais perto da liberdade que alguém podia chegar. Esta sensação não durava muito tempo, porque em alguns minutos ela estava chegando na faculdade. E de novo aquela dívida com o mundo, que ela não lembrava de ter feito e nem queria pagar. No começo da madrugada, no metrô, o alívio do dever cumprido só era quebrado pelo peso de chegar em casa. Ela sentia como se alguma coisa estivesse a sufocando. Como se as paredes do quarto estivessem se fechando em cima dela, esmagando qualquer sinal de esperança. Quando a paz do sono parecia ser eterna, o despertador jogava aquele fardo de mais um dia nas costas dela. Aquela agonia incessante batia no fundo do estômago e acoava em sua alma. A vida não estava funcionando. Tudo não fazia sentido a muito tempo. Os trinta estavam batendo a porta. Não dava mais para esperar a sorte.

Trilhando um caminho sem volta aquele dia ela não foi para o trabalho, e nem iria para a faculdade. Usando um vestido longo, salto alto, blush, cílios postiços e tudo mais, Mariana entrou pela primeira vez no Casarão. Driblava as cadeiras empilhadas e cintilava pelo salão. Parecendo saber exatamente o que queria ela perguntou

para um garoto que estava limpando o bar: “Quero falar com a Madame Valéria.” Ele apontou uma porta atrás do palco. O escritório era exuberante, brilhava veludo em rosa e azul. “Você não tem mais vinte e poucos mas ainda tem lenha para queimar”, disse a senhora com um blazer sentada atrás da mesa. Mariana parecia estar encolhendo. A confiança de Madame Valéria a intimidava. “Funciona assim: mil fica para casa e não me interessa o quanto além disso você vai ganhar. Você cobra por hora. Você ou alguém paga o que você beber e o quarto. Três noites sem clientes e você esta fora.” Mariana só balançava a cabeça como quem dizia “entendi”.

Depois da entrevista ela voltou para casa. Focada. Só aquele dia fora da rotina louca da vida já era um indicativo de que tinha escolhido o caminho certo. A ansiedade e uma avalanche de perspectivas estavam estampados no sorriso em seu rosto. Mariana escolheu um vestido simples. Não foi difícil para ela parecer com vinte e poucos anos. Colares, pulseira, anéis, mais maquiagem, e vamos ao trabalho. Ela chegou no Casarão ainda um pouco tímida. Encostou em um canto, pensando que fosse apenas esperar. “Madame Valéria comentou de você. Parece que você tem potencial. Aqui me conhecem por Paula. Prazer.”, disse a mulher se aproximando. “Prazer, sou Mariana.”, ela respondeu. “Nunca use seu nome verdadeiro. Fica mais fácil para algum psicopata te encontrar, ou te reconhecer. Escolha um nome, tipo Melissa. Sexy.” “Pode ser. Faz tempo que você trabalha aqui?” “Tempo o suficiente para saber que você só precisa fazer eles gozarem no menor tempo possível e receber o dinheiro.”

Adentrou o recinto um daqueles tipos porcos. Carregando uns 150kg em banha, parecendo estar desidratando, rindo feito uma hiena. Mariana estava sentada no balcão ouvindo as histórias da nova amiga fingindo não ver Madame Valéria apontando para ela com o grandão do lado. E tudo foi ficando subentendido. Os dois foram se aproximando e Mariana usou de todo seu charme para seduzir o velho babão. Ele pagou uma bebida e depois os dois subiram para o quarto. Sabendo exatamente o que queria e como chegar ela beijou aquele rosto suado, com um gosto amargo e cheirando a traça. Mariana só pensava no conselho de acabar com tudo antes de poder pensar no que estava acontecendo. Primeiro ela desceu e depois subiu em cima dele. Quando sentiu um leve espirro na perna fez cara de que estava gostando. Ela rolou para o lado. Deu um longo beijo nele e foi tomar banho. Tirou dele três mil e voltou para o salão com a pose de uma dama.



## Gafanhotos pastando no mar de lama

Rosana morava num cubículo no Largo do Arouche junto com Joe, um Bull Terrier. Em qualquer posição que se possa imaginar ele era maior que ela. Fortunato esperava por algum sexo, alguma bebida e com sorte uma cama para dormir até a manhã seguinte. Os dois vinham caminhando pelo Viaduto do Chá. Tinham acabado de ser expulsos de um bar perto da Consolação. Já estavam andando sem direção a pelo menos meia hora. Decidiram ir para o cubículo.

– Já te falei sobre o Joe? – começou ela.

– Joe? – respondeu ele de supetão, intrigado.

– Sim, é um Bull Terrier que mora comigo. – disse ela banalmente.

– Você tem um Bull Terrier na sua quitinete? – perguntou ele assustado.

– Não. Divido uma quitinete com o Joe. – explicou ela num tom de desdém.

– Mas ele é bravo? – continuou ele num tom de dúvida.

– As vezes. Hoje não. – disse ela sem se importar muito com o questionário.

Os dois pararam num bar. Compraram três latas de cerveja e um corote de pinga e seguiram no rumo.

– Não me sobrou muita coisa depois desta. – soltou ele. Rosana parou.

– Você não tem dinheiro e quer transar? Isso não vai dar certo. – sentenciou ela.

– Não...Não é isso. – Fortunato se assustou de novo.

– Então você tem dinheiro? – encurralou ela.

– Não muito. – falou ele um pouco baixo.

– Acho que vai ser o suficiente. – disse ela e voltou a andar. Ele se postou a seu lado quieto.

Quando eles entraram no cubículo Joe estava na cama. Ele levantou a cabeça, olhou para os dois, abaixou e se espreguiçou. Ficou maior que a cama.

– Vamos ter que transar no banheiro. – disse ela como que um comunicado.

– Você não vai prender ele? É muito grande! – ele estava apavorado.

– Ele só me quer quando estou “naqueles dias”, mas é melhor não fazer muito barulho. Pode parecer provocação. Vamos... – disse ela, no comando.

Saíram do banheiro em quinze minutos. Joe tinha levantado da cama e estava na frente da TV ligada, com duas tijelas vazias. Rosana pegou uma lata de cerveja e esvaziou em uma, na outra colocou duas mãozadas de ração com amendoim. Ele lambeu a perna dela, que fez um cafuné em sua cabeça e sorriu.

Fortunato não conseguia se sentir confortável. Parecia que o cão do inferno o observava pelo reflexo da televisão. Joe se pôs de pé, olhou sem interesse para os dois sentados na mesa e voltou para cama. Depois de um tempo ele levantou e foi ao banheiro. A porta se fechou. O barulho do mijo na água. Então a descarga. Fortunato sua-va frio. Rosana foi até a cozinha. Ele colocou uma nota de vinte na mesa e saiu nas pontas dos pés. Escutou a porta do banheiro abrir. Quando viu a rua começou a correr.

## O suicídio do covarde Manuel

Ana trabalhava na lotérica Boa Sorte! há 25 anos. Começou um pouco antes de entrar para a faculdade de Letras e nunca mais saiu. A estabilidade tinha alavancado seus sonhos. Além do diploma, seu emprego a levou para quinze fantásticos dias de férias em Portugal em 2006, pagou muitos churrascos com os amigos e pizzas com a família, deu para ela um carro velho bem cuidado, o FGTS rendeu uma casa de vila num bairro afastado novo e tudo que tinha lá dentro, incluindo marido e duas filhas. Armando era um jogador inveterado, e sempre achou que o guichê de Ana dava algum tipo de sorte. De lá para a cama, depois à igreja, foi pá pum. Juntos fizeram planos, viveram algumas alegrias e incontáveis decepções. Ela não achou que ele ia engordar tanto, e ele pensou que ela seria mais atenciosa. Era sábado a noite, durante algum tempo o dia da tradicional trepada semanal.

– Vamos para a cama, amor.....

– Calma Armando, as meninas ainda não estão dormindo....

– Enquanto isso a gente pode ficar brincando com as mãos, a boca.....faz tanto tempo que a gente não se diverte.....olha só como eu estou.....

– Tira essa coisa daqui!.....para com isso.....me espera no quarto.....vou terminar de limpar esta pia, colocar as meninas para dormir e vou para lá.....acho que a gente precisa conversar.

– Eu também acho....acho muito.....a semana passada foi a feijoada que estava pesando.....na outra você arrumou de dormir com as meninas na sala.....e dor de cabeça e menopausa e “não quero hoje” e “vamos ser rápidos”. Porque você não quer mais transar comigo? Você tem outro?

– Tenho.....mas eu te a...

– Que?.....calma aí.....que?.....como assim?.....quando?.....quem?!

– A Maria.....nós somos amigas desde criança.....e.....e a gente começou a fazer o curso de costura juntas.....e.....você sabia que a gente já tinha transado antes.....enfim.....a gente tem se encontrado e.....

– Pelo amor de Deus!.....você tem 43 anos.....filhas!.....

– Eu amo elas!.....eu amo a nossa família!.....você!.....tudo que a gente construiu.....

– Você ama uma xereca! O Manuel já sabe disso?.....vou ligar para ele e contar que nossas esposas são duas sapatonas!.....

– Calma!.....a Maria também vai contar para ele hoje...  
....a gente precisa conversar.....

– A gente!? Quem é a gente?

Pow!

Armando era contador e trabalhava no escritório do seu tio, tendo como início o ofício de office boy. Depois de tanto tempo lá sabia mais que o filho do dono, que agora era o dono. Para ser dono de alguma coisa o único caminho que parecia viável era o da loteria. Ia na lotérica todos os dias, e de tanto ver Maria, se apaixonou. O emprego pagou sua faculdade de Administração, a viagem de férias, casa, carro, impostos e tudo mais. Tinha sido um expoente do futebol no colegial e costureiro frequentador das baladas até se casar. Depois de umas escapadas aqui, e de cretinices lá, entrou na linha com o nascimento da primeira filha. Agora tinha encerrado a conversa com a esposa a chutes e pontapés enquanto ela fugia para o quarto, onde se trancou. Armando dormiu no sofá. As crianças ouviram tudo e viram boa parte da cena, e choramingavam baixinho no quarto esperando alguém explicar para elas o que estava acontecendo.

– Oi....acho que a gente precisa conversar.....

– Eu quero que você saia de casa ainda hoje.....

– Me desculpe por ontem.....eu perdi a cabeça.....não vai acontecer de novo.....

– Vou levar as meninas para escola e quando voltar para o trabalho espero que você já tenha ido para onde tiver que ir.....

– O que esta acontecendo?.....eu te amo.....

– .....

– Vamos conversar.....uma vida inteira não pode acabar assim.....e as crianças.....

– Vou conversar com elas depois da escola.....quanto a conversar com você eu não sei quando vai ser.....

– Como assim?.....o que você vai dizer para elas?.....que agora a Maria João vai ser o pai delas?.....não.....não....se eu for elas vão comigo.....

– Você não vai tirar minhas filhas de mim!.....olha só.....calma.....passa uns dias na casa da sua mãe, ou no sítio.....vamos pensar em tudo.....se acalmar.....depois a gente conversa.....

– Você não vai transformar elas em duas putinhas lésbicas!.....qualquer juiz vai concordar comigo.....minhas filhas não vão ser criadas por uma degenerada!.....se eu for elas vão também!.....

– Você é um escroto!.....sai daqui agora se não eu chamo a polícia!.....

– E vai dizer o que?.....que.....que seu marido não quer deixar você viver como uma vagabunda?.....que....que....tomou um tapinha?.....nem ficou marca.....você não sabe o que esta falando.....

– Eu não queria que fosse assim.....mas.....você não me dá alternativa.....

– Dá esse telefone aqui sua vagabunda.....

Pow! Paw! Pow! Pow!

A polícia apareceu porque o vizinho escutou tudo e ligou. A agitação tomou conta do quarteirão. Manuel, que morava com Maria na mesma calçada, escutou os barulhos e saiu para ver o que estava acontecendo. Viu Armando sendo colocado na viatura violentamente, se debatendo nos policiais, e nervoso, vociferando que Ana jamais teria paz. Ela não apareceu, mas todos ouviam o choro dela dentro da casa. As crianças não saíram do quarto, mas escutavam tudo e eram consoladas por um casal de policiais que aguardava o Conselho Tutelar. As viaturas se aglomeravam na rua quase que fechando o trânsito. Manuel entrou em casa e segundos depois o barulho de um tiro seco ecoou pelo tumulto como um sinal que o inferno não era tão longe. Ana sentiu como se o tiro tivesse entrado em seu peito e perdeu o fôlego. Os policiais logo identificaram a casa de Manuel como origem do disparo. Entraram quebrando tudo e aos gritos. Quando chegaram na cozinha encontraram Maria estrangulada e morta e ele com um tiro na cabeça.



## Descascando o abacaxi

A vida de Natália podia até ser conhecida como fácil nas más línguas, mas na prática a coisa não era bem assim. Quando um seboso cretino está querendo enfiar uma piroca de 15cm numa buceta sem o mínimo de delicadeza, nem jeito para coisa, fácil parece ser montar um satélite interestelar. Ele era grande, o banco traseiro pequeno. Natália tentou se abrir o máximo possível, apoiando a nuca na porta do carro e as pernas nos encostos de cabeça. “Ei belezinha, geme gostoso na minha rola”, era o mais próximo que ela tinha de amor e carinho. “Aííííí. Meu Deus. Isso, isso, isso”, era tudo que ela podia falar e fazer para aquela merda acabar o mais rápido possível. O seboso era grande, não tirou a calça e mal conseguia se equilibrar no banco. “Acho melhor você vir aqui e sentar gostoso no meu colo.” Ele estava pagando, e queria poupar esforço, então sentou no meio do banco e abriu levemente a perna. Natália tentou enfiar o pau dele na buceta, mas era pequeno e ela não conseguia subir e descer e manter ele lá dentro. Ela teve que rebolar como um motor de fusca velho até o seboso gozar achando que estava comendo alguma coisa. “Pode ir agora, vadia.”

Natália desceu do carro e foi no banheiro do posto de gasolina que ficava no fim da avenida. Se limpou, se

maquiou de novo, e voltou para rua. “Pelo menos o seu foi rápido. O meu último tinha vergonha de mulher e ficava me perguntando como fazia para enfiar um pau numa buceta.” A Sheila tinha cara de estudante de universidade católica, por isso era a preferida dos recém promovidos no banco. “Punheta eles um pouquinho e depois enfia na boca, eles gozam rapidinho.” A Natália era mais objetiva. Talvez por uma questão de experiência. “As vezes me sinto como a mãe deles. Vem cá que mamãe vai ensinar como faz.” Na esquina de baixo era o ponto da Pam e do Maria João. A de cima era da Joana e da Marta. Mas a avenida era grande, com espaço para quem quisesse trabalhar. Os carros vinham parando de farol em farol até acharem o que estavam procurando. Tinha para todo gosto. No rodízio que Natália e Sheila faziam para atender a clientela era a vez da Sheila ser a Cinderela do príncipe que aparecesse em busca de emoção.

Mas a melhor parte de trabalhar como uma profissional liberal do sexo era poder fazer o próprio horário, e as duas tiraram uma folga para fumar no ponto de ônibus. “A maioria desses que querem parecer machões gosta de levar uma dedada no rabo.” “Acho isso nojento.” “Eu também, e esse machões ficam violentos se percebem isso, então tem que tomar cuidado.” “É verdade, são pessoas assim que constroem bombas atômicas.” Conversa vai, conversa vem e as duas decidiram ir até o Bar Tô no meio do quarteirão pegar um rabo de galo. “Dando duro hoje meninas?” O Manolo nunca sabia bem como se expressar, mas também ninguém nunca sentiu maldade. “Aí, a última vez que dei duro ela tinha peitos.” A Sheila pe-

gou o espírito da coisa e todo mundo riu. As duas acenderam um cigarro cada uma e terminaram a bebida. Depois voltaram para a rua e pararam na esquina à espera dos próximos clientes. Elas se abraçavam e se beijavam para chamar a atenção dos carros que buzonavam e gritavam alucinadamente. O vermute e a cachaça começavam a pedir passagem na avenida.

Não demorou muito e um carro de seis dígitos encostou no meio fio e ligou o pisca alerta. Natália olhou para Sheila que saiu rebolando e se inclinou em perfeitos 90° colocando meio corpo para dentro da janela do passageiro. “Uau. Você é um gatão. Quer se divertir?” “O que você vai fazer para me divertir?” Sheila fez caras e bocas contorcendo o corpo e falando sacanagens que seriam censuradas no Kama Sutra. “E sua amiga sabe fazer tudo isso também? Acho que com as duas ia ser ainda mais gostoso.” “Claro que sabe, foi eu mesma que ensinei.” “Quanto?” “Duzentos para cada.” “Chama ela e entra, querida.” Sheila tirou o meio corpo de dentro do carro e acenou com um sinal para Natália, que veio rebolando e sorrindo para os olhos do retrovisor. Ela abriu a porta detrás do motorista, entrou e se sentou abraçando ele por trás alisando o pau e beijando o pescoço dele. Sheila, por sua vez, se apresentou melhor esfregando os peitos na cara do dono da festa. O gatão engatou primeira e saiu com pressa. “Por mais duzentos tem um lugar aqui pertinho pra gente ir.” Sheila pensou em emplacar mais uma grana sublocando seu quarto. “Quero vocês duas aí no banco detrás mesmo. Sem muito espaço.”

Não muito longe do ponto das meninas o carro parou numa praça pouco iluminada. Sheila pulou para o banco de trás e começou a se pegar com Natália sensualizando como duas garotas de programa num filme sobre Los Angeles. Ele desligou as luzes do carro e tirou a calça enquanto as duas gemiam baixinho. Quando ele pulou para trás no meio das duas também já estava sem cueca e louco para mandar. “Me chupa aqui sua vagabunda.” Ele pegou Sheila pelo cabelo e enfiou sua cara no pau dele. Natália se assustou e tentou se afastar, mas bateu com as costas na porta. “Tá pensando que vai aonde? Você também vadia.” Com a outra mão ele agarrou Natália pelo cabelo e botou a cara dela junto com a de Sheila. “Mama, porra.” Ele esfregava a cabeça das duas contra a virilha sem que elas conseguissem ao menos abrir a boca. Natália tirou um canivete que carregava no bolso e cortou o braço dele, que soltou as duas. “Você está louca sua vagabunda?” Ele partiu descontrolado com socos na cara dela. O canivete voou para a chão. “Vou te matar sua vadia.” Ele deu um mata leão em Natália e parecia que ia estrangular ela. Sheila pegou o canivete e enfiou nas costas dele, que largou Natália e começou a engasgar. As duas saíram cada uma por uma porta e desataram a correr para longe.

## Ovelhas sem rebanho num mundo sem cordeiros

Érica entrou no bar depois de uma porrada na porta. Todo mundo olhou na sua direção. “Voltei Jaime!” Ele estava de costas mexendo em umas garrafas. Viu tudo pelo espelho e não escondeu sua expressão de “que merda!”. Ela foi até o balcão e sacou uma nota de cem. “Me dá uma garrafa forte e desconta o troco da minha conta.” Ninguém nega dinheiro. O Jaime pegou a nota, uma garrafa de conhaque barato e devolveu uma moeda. “Ainda não paga tudo.” “Seu safado de merda. Não é a toá que esta espelunca vive vazia. Quero pelo menos dez e uma cerveja de volta”. As rugas dele começaram a crescer, mas ele pegou a garrafa e o dinheiro e entregou para ela.

Em geral, as pessoas evitavam olhar para Érica. Não era exatamente amor o sentimento que ela despertava a primeira vista. Como as mesas pareciam alheias a sua presença ela se fez escutar. “Tem algum homem aqui disposto a um porre e uma foda?” Ninguém se candidatou. “Bando de frouxos!”. Nada mudou. Ela sentou num canto sozinha. Encheu um copo de cerveja e deu uma boa talagada na garrafa. Entre um e outro acendeu um cigarro. Um sujeito saiu do banheiro. “Ouvi alguém falar sobre um porre e uma foda”, disse enquanto ia na direção dela.

Ele não era exatamente o tipo boa pinta. Não importava muito. “Fui eu garanhão. Esta disposto?” Ela levantou a garrafa, ele não exitou.

O cara chamou ela para o banheiro. “É cocaína?”, ela perguntou. “Não, fermento”, ele respondeu. “Então faz crescer?”, disse com um sorriso sacana. “Hoje você vai voar baby”, retrucou. Os dois começaram a se agarrar no banheiro. Um torto, e outra se retorcendo. Veio do nada um estrondo. POW! Era o Jaime, que a chutes e pontapés reclamava. “Meu bar não é puteiro porra!”. Pronto para briga o valentão saiu da cabine. A ripa na mão do Jaime e sua cara de maníaco pararam ele antes que qualquer coisa pudesse sair da sua boca. “Não vale a pena amor. Vamos para outro lugar”, disse Érica tentando se agarrar no rapaz, que tremia como uma máquina de lavar roupas velha.

Depois de andarem sem direção, e serem escolhambados numa praça perdida pela cidade, decidiram ir para a pensão onde ele vivia. “Tem mais bebida lá”, ele argumentou. “O que você quiser”, ela murmurou. Foram se aproximando de um sobrado velho. As luzes estavam acesas, o rádio exalava Ney Matogrosso. Uma meia duzia estava numa sala enchendo a cara e cheirando fermento como se não houvesse amanhã. Érica entrou na dança sem perceber. “Vira! Vira! Vira! Vira! Vira! Vira Homem! Vira! Vira! Vira! Vira! Lobisomem...” A noite ia se indo quando Érica notou que o cara não estava mais lá. Ninguém fez questão de responder suas perguntas. Era difícil entender o que ela falava.

Então ela saiu procurando por quartos. Enquanto passava pelo corredor começou a sentir algo estranho. Como se o vento soprasse em direções diferentes. O som tinha sumido. Debaixo de uma porta saía uma luz verde, intensa. Sem pensar muito, e com calma, ela girou a maçaneta. Quando pode olhar para dentro viu um baixinho, com três braços e um olho no meio da testa, levitando, sentado no ar. Três mini elefantes andavam em volta dele no chão, subindo e descendo suas trombinhas. Foi compelida a entrar. A porta se fechou atrás dela e os elefantinhos pararam de andar em círculos.

Eram mais de dez da manhã quando ela acordou no sofá da sala, vestindo uma camiseta que não era sua e coberta por uma manta. Seu corpo dizia para sua cabeça que a noite tinha sido agitada. Mesmo assim ela sentia aquela sensação de quem deu a trepada do século. Érica começou a ficar confusa, lembrar dos detalhes. Levantou e pegou uma calça que viu perdida num canto. Escutou um barulho vindo dos quartos. Passou a mão em uma garrafa de alguma coisa que estava pela metade na mesa e saiu sorrateiramente da casa.

## O pé no chão

Fazia um calor insuportável. Joana estava atravessando a Paulista a pé para economizar as moedas do metrô. Quando entrasse no escritório ia dizer que estava passando por problemas pessoais. Seu irmão estava no crack (não ela na cocaína). Três dias sem dar as caras. Na melhor das hipóteses uma demissão por justa causa. Não fazia mais sentido o trabalho de secretária. Com trinta anos não via futuro em continuar tentando isso. Precisava vender só uma tela. Só uma. Para pessoa certa. Não pintava a meses. Tinha uma meia dúzia razoáveis dos bons tempos de produção (quando ainda tinha vinte e poucos). Era pouco. Pareceu muito um dia. Entrou no prédio e o ambiente climatizado do hall foi o choque da realidade. A esmola do seguro desemprego mal pagaria as contas.

“Oi Jô. Você está bem?” “Mais ou menos. As coisas em casa...” “Imagino. Três dias! Dr. Carlos vai falar com você. Não é para você trabalhar.” “Tudo bem.” “Ele falou com a sua mãe ontem.” Joana ficou tão abalada que não respondeu. Em casa ela não aparecia há uma semana. Fudeu tudo em uma semana. O cliente saiu do escritório. Dr. Carlos olhou para a sala de espera, cumprimentou Joana, e fechou a porta. Em instantes o telefone tocou. Márcia atendeu. Não falou nada. Desligou. “Vamos entrar lá Jô.” Ela pegou uma pasta, saiu de trás da mesa e abriu a porta.



Joana estava suando. Márcia entregou a pasta e saiu. Ele esticou a mão na sua direção. “Boa tarde Joana.” “Boa tarde Dr. Carlos.” Ele deu a volta e sentou. “Desculpe pelos últimos dias...” “Você deve desculpa a sua mãe, não a mim.” “Eu sei, mas...” “Você entende porque vai ser demitida?” “Sim. Não. Por favor. Por justa causa não!” “Não quero te prejudicar. Preciso que assine estes papéis.” Joana começou a rubricar as folhas sem ler, nas linhas que ele apontava o dedo. Depois ele entregou a pasta para ela e a orientou a falar com Dona Marta no RH. “Melhoras para você.” Dr. Carlos estendeu a mão novamente para ela e fechou a porta. Márcia disse que Dona Marta estava a sua espera.

Dona Marta deu para ela quase dois mil. Após assinar mais algumas linhas pegou o elevador e desceu. O mormaço da cidade foi como um gancho bem dado no seu queixo. Joana sentiu o golpe. Sua expressão escancarava isso. Ela voltou a Paulista a pé e desceu a Augusta. Pegou uma lata de cerveja e voltou para Paulista. Quando jogou a latinha fora, perto da Gazeta, percebeu que não sabia para onde ia. Ligou para sua mãe. Disse que estava bem e contou que tinha sido demitida. Estava, estranhamente, calma. Escutou que devia voltar para casa. Argumentou que estava produzindo. Estava morando no ateliê de uma amiga. A mãe chorou. Ela prometeu ligar frequentemente e desligou.

Ficou olhando o monte de ninguém num vai e vem frenético. Pensou nos dois meses de aluguel pagos no bolso. Pegou mais uma lata de um vendedor de rua e foi em

direção a Brigadeiro, para o ateliê. No caminho pintou três telas na cabeça e começou pelo menos outra meia duzia. Nada fazia muito sentido. Precisava de contatos. Entrar no círculo. Talvez tivesse deixado uma ou duas boas chances passar. Nunca pareceu muito interessante vender telas no Parque Trianon. Poderia ter conhecido alguém. Muita coisa poderia ter acontecido, mas nada aconteceu. Passou por uma placa de neon que piscava em vermelho: “Massagem”. Entrou por uma passagem lateral e subiu por uma escada até o segundo andar. Parou em frente uma porta onde se lia “ateliê”, abriu, e chegou em casa.

## Sobre o AntimidiaBlog

Tudo começou no finado Multiply, em uma noite de tédio de abril de 2007. Naqueles dias, intitulado como Notas de um Zé Ninguém (<http://web.archive.org/web/20120705214552/http://edcapobianco.multiply.com>), a ideia era criar um espaço para divulgar contos e crônicas escritas por Eder Capobianco, além de vídeos, fotos, links e notícias que circulavam pela internet sem muito destaque.

Com o desaparecimento da plataforma em 2012, contrariando todas as expectativas, o blog se expandiu. Todo conteúdo original foi transferido para as plataformas WordPress (<http://antimidiablog.wordpress.com>) e Blogspot (<http://antimidiablog.blogspot.com.br>), e o título Notas de um Zé Ninguém foi substituído pelo nick Antimidia, que já possuía perfis e blogs no Flickr (<http://www.flickr.com/photos/antimidia>) e Tumblr (<http://antimidia.tumblr.com>) para a publicação de fotos.

Para continuar difundindo parte do que de bom vaga pelo gigantesco ciberespaço foi criado o Reblogador (<http://reblogador.wordpress.com>), que se apropria da ferramenta reblog para aumentar a alcance da produção de blogueiros independentes do WordPress.

O AntimidiaBlog é atualizado semanalmente, nas manhãs de sexta-feira.